

UNISOCIESC BLUMENAU

ALUNAS: AMANDA NEVES RIGO; ELIZABETE GONÇALVES SIOLFI;

JAQUELINE SILVEIRA PINTO; E

MARIANA CAROLINE SCHAPPO.

MATÉRIA: INSTITUCIONAL.

TURMA: BIOMEDICINA 2019.2.

PROFESSOR: SILVIA ARIZIO.

PLACEBO

VS

NOCEBO

BLUMENAU,

2019.

PLACEBO

A palavra placebo vem do latim Placere, que significa "agradar".

No início, o termo placebo era atribuído apenas a produtos para uso oral ou injetável, como comprimidos de açúcar ou farinha e soro fisiológico.

O placebo já foi definido como qualquer medicamento dado ao paciente com o intuito de agradar do que beneficiar.

Atualmente, o conceito de placebo é muito mais amplo e estende-se também a outras formas de interferências físicas ou procedimentos, como ultrassom aplicação de pomadas e até benzimentos.

EFEITO PLACEBO

Considerado qualquer efeito positivo atribuído a uma pílula ou procedimento que não deriva diretamente da sua ação farmacológica ou das suas propriedades específicas.

qualquer tipo de tratamento pode agir como um placebo, mas o efeito placebo é determinado pela resposta positiva do indivíduo a essa intervenção.

O efeito placebo é muito observado em estudos científicos para verificar a eficácia de algum medicamento, como nos casos em que um grupo de pessoas recebem um comprimido de açúcar, farinha ou vitaminas em qualquer propriedade farmacológica e assim apresenta melhorias clínicas, apenas simplesmente acreditar em que estavam tomando remédio propriamente dito.

Com você bebo é uma substância inerte, ou cirurgia ou terapia "de mentira", usada como controle em uma experiência, ou dada a um paciente pelo seu possível ou provável efeito benéfico. Ou porque de uma substância inerte, uma assim chamada "pílula de açúcar", ou falsa cirurgia, ou mesmo na terapia fazerem efeito não está completamente esclarecido.

TEORIA PSICOLÓGICA: TUDO ESTÁ NA NOSSA CABEÇA.

Muitas pessoas acreditam que o efeito placebo seja psicológico, devido a um efeito real causado pela crença ou por uma ilusão subjetiva ponto se eu acreditar no que a pílula ajuda, ela vai ajudar.

Uma escola logo da universidade de Connecticut, conhecido como Kirsch, acredita que a eficácia do prozac e drogas similares podem ser atribuídas quase que inteiramente ao efeito placebo.

Em um estudo publicado Kirsch analisou 19 testes clínicos diante depressivos e concluiu que a expectativa de melhora, e não ajustes na química do cérebro foram responsáveis por 75% de eficácia nas drogas.

"O fator crítico " Kirsch afirma que são nossas crenças a respeito do que irá acontecer conosco. Você não precisa confiar nas drogas para ver uma profunda transformação.

Foi analisado em um estudo anterior que de 39 estudos feitos entre 1974 e 1995 de pacientes depressivos tratados com drogas, psicotrópicas ou uma combinação de ambos. Ele descobriu que 50% da efeito das drogas se deve a resposta placebo.

As crenças e esperanças de uma pessoa sobre um tratamento, combinadas com sua sugestibilidade podem ter um efeito bioquímico significativo. Sabemos que há experiências sensoriais e pensamentos podem afetar a neuroquímica e que o sistema neuroquímico do corpo afeta e é afetado por outros sistemas bioquímicos, inclusive o hormonal e o imunológico.

Assim, há provavelmente uma boa dose de verdade na afirmação de que atitude esperançosa e as crenças de uma pessoa são muito importantes para o seu bem-estar físico e a sua recuperação lesões ou de doenças.

Porém, pode ser que muito do efeito placebo não seja uma questão da mente controlando moléculas, mas sim controlando o comportamento. Uma parte do comportamento de uma pessoa "doente" é apreendida ponto final assim como é parte do comportamento de uma pessoa que sente dor.

possuía uma certa quantidade de representação de papéis pelas pessoas doentes ou feridas, representação de papéis não é o mesmo de falsidade é claro. Não estamos falando de fingimento o comportamento de pessoas doentes ou com lesões tem bases, até certo ponto sociais e culturais. O efeito placebo pode ser uma medida de alteração do comportamento afetado por uma crença no tratamento. A mudança no comportamento incluem uma mudança na atitude na qual uma pessoa diz como se sente, ou começa a pessoa age. Podendo também afetar a química do corpo das pessoas.

Sua explicação psicológica parece ser aquela em que as pessoas mais acreditam talvez seja por isso que muitas pessoas fiquem consternados quando são

informadas de que a droga é eficiente que estão tomando é um placebo. Está faz pensar que o problema está todo na sua própria cabeça e que não há nada realmente errado com elas. Com isso Há muitos estudos que descobriram melhoras objetivas na saúde com o uso de placebos para apoiar a noção de que o efeito placebo é inteiramente e psicológico.

Médicos em um estudo eliminaram verrugas com sucesso, pintando as como uma tinta colorida e inerte prometendo aos pacientes de que as verrugas desapareceriam quando a cor se desgasta se. E assim foi feito.

A TEORIA DA NATUREZA SEGUINDO SEU CURSO.

Alguns acreditam que pelo menos parte do efeito placebo se deve a uma doença ou lesão seguindo seu curso natural. Nós muitas vezes nos curamos com o tempo, mesmo se não fizermos nada para tratar uma doença ou lesão. O placebo e as vezes erroneamente considerado como eficaz quando, na verdade, o corpo está se curando espontaneamente.

Entretanto, curas espontâneas e remissão espontânea de doenças não podem explicar todas as curas ou melhoras que ocorrem devido a placebos, ou devido a medicamentos ou tratamentos ativos, por sinal. As pessoas a quem não é dado nenhum tratamento frequentemente não se saem tão bem quanto aquelas a quem são dados placebos ou remédios e tratamento reais.

A TEORIA DO PROCESSO DE TRATAMENTO.

Outra teoria que está ganhando popularidade é a de que um processo de tratamento que envolva atenção, cuidado, afeição, etc. para o paciente, um processo que seja encorajador e que alimente esperanças, pode por si só disparar reações físicas no corpo, que promovem a cura.

Certamente ha dados que sugerem que o simples fato de estar em situação de tratamento consegue alguma coisa. Pacientes deprimidos que são puramente colocados em uma lista de espera por tratamento não se saem tão bem quanto aqueles a quem são dados placebos.

E quando os placebos são dados para controle da dor, o curso do alivio da dor segue o mesmo que se teria com uma droga ativa. O pico do alivio vem

aproximadamente uma hora após eles serem administrados, assim como vem com a droga real, e assim por diante. Se a analgesia por placebo fosse o equivalente a não dar nada, seria de se esperar um padrão mais aleatório. (Dr. Walter A. Brown, psiquiatra, Brown University).

Dr. Brown e outros acreditam que o efeito placebo é principalmente ou puramente físico e se deve a mudanças físicas que promovem a cura ou o bem estar. As mudanças físicas obviamente não são causadas pela substância inerte em si, então qual é o mecanismo que explicaria o efeito placebo? Alguns pensam que é o processo de administrá-lo.

Pensa-se que o toque, o cuidado, a atenção e outras comunicações interpessoais que fazem parte do processo do estudo controlado (ou das características terapêuticas), além da esperança e encorajamento dados pelo experimentador / terapeuta, afetam o humor da pessoa testada, que por sua vez dispara mudanças físicas, como a liberação de endorfinas.

O processo reduz o stress por dar esperanças ou reduzir a incerteza sobre que tratamento adotar ou qual será o resultado. A redução no stress previne, ou desacelera a ocorrência de futuras mudanças físicas prejudiciais. A hipótese do processo de tratamento explicaria como remédios homeopáticos inertes e as terapias questionáveis de muitos dos praticantes da saúde "alternativa" são muitas vezes eficazes, ou tidos como eficazes.

Ela explicaria também por que pílulas ou procedimentos usados pela medicina tradicional funcionam até que seja demonstrado que não possuem valor. Há quarenta anos atrás, um jovem cardiologista de Seattle chamado Leonard Cobb, conduziu um teste singular de um procedimento então comumente utilizado para a angina, no qual os médicos faziam pequenas incisões no peito e atavam nós em duas artérias para tentar aumentar o fluxo do sangue para o coração.

Era uma técnica popular onde 90% dos pacientes relatavam melhoras, mas quando Cobb a comparou com a cirurgia placebo, na qual se fazia incisões mas não atava as artérias, as operações falsas se mostravam igualmente bem sucedidas. O procedimento, conhecido como ligação mamária interna, foi logo abandonado. Se o efeito placebo é principalmente psicológico, ou cura espontânea mal interpretada, ou devido a um processo caracterizado por demonstrar cuidado e atenção, ou devido a alguma combinação dos três, pode não ser conhecido com completa confiança. Mas não há dúvidas sobre o poderoso efeito do placebo.

EFICÁCIA DO PLACEBO.

H. K. Beecher avaliou duas dúzias de estudos e calculou que aproximadamente um terço dos pacientes nos estudos melhorou devido ao efeito placebo ("The Powerful Placebo," O Poderoso Placebo, 1955).

Outros estudos calculam que o efeito seja ainda maior do que afirmou Beecher. Por exemplo, estudos demonstraram que os placebos são eficazes em 50 a 60 por cento dos pacientes com determinadas condições, por exemplo, "dores, depressão, algumas indisposições cardíacas, úlceras gástricas e outras queixas estomacais.

E tão eficazes como as novas drogas psicotrópicas parecem ser, no tratamento de vários distúrbios mentais. Alguns pesquisadores sustentam que não há evidências adequadas a partir de estudos que provem que as novas drogas sejam mais eficazes que s placebos.

Os placebos já chegaram a ser mostrados causando efeitos colaterais desagradáveis. Existem até relatos de pessoas se tornando viciadas em placebos.

O DILEMA ÉTICO.

O poder do efeito placebo levou a um dilema ético. Um médico não deve enganar as pessoas, mas deve aliviar a dor e sofrimento dos seus pacientes. Deveria alguém usar a enganação para o benefício de seus pacientes?

Seria antiético para um médico conscientemente prescrever um placebo sem informar ao paciente? Se informar ao paciente reduz a eficácia do placebo, seria justificável algum tipo de mentira com o objetivo de beneficiá-lo?

Alguns médicos acham justo usar o placebo nos casos em que foi demonstrado um forte efeito placebo, e onde o sofrimento é um fator agravante. Outros acham que é sempre errado enganar o paciente, e que o consentimento informado exige que se conte ao paciente que o tratamento é um tratamento placebo.

Outros, especialmente os praticantes da medicina "alternativa", nem sequer querem saber se um tratamento é um placebo ou não. Sua atitude é a de que, contanto que o tratamento seja eficaz, quem se importa se ele é um placebo?

OS PLACEBOS SÃO PERIGOSOS?

Ao mesmo tempo em que os cétricos talvez rejeitem a fé, a oração e as práticas médicas "alternativas" como bio harmônicos, quiroprática e homeopatia, estas práticas talvez não deixem de ter seus efeitos benéficos.

Claramente, elas não curam o câncer ou reparam um pulmão perfurado, mas poderiam prolongar a vida ao dar esperanças e aliviar o sofrimento, e pela interação com o paciente em uma forma cuidadosa e atenciosa.

No entanto, para aqueles que dizem "que diferença faz por que alguma coisa funciona, contanto que funcione" eu respondo que é provável que haja algo que funcione ainda melhor, algo para os outros dois terços ou metade da humanidade que por uma razão qualquer, não podem ser curadas ou ajudadas por placebos.

Além disso placebos podem nem sempre ser benéficos ou inofensivos. Em acréscimo aos efeitos colaterais adversos, mencionados acima, John Dodes observa que Pacientes podem se tornar dependentes de praticantes não científicos que empregam terapias de placebos.

Tais pacientes podem ser levados a acreditar que estão sofrendo de uma hipoglicemia "reativa" imaginária, alergias ou micoses inexistentes, "intoxicação" por amalgama de restaurações dentais, ou que estão sob os poderes do Qi ou de extraterrestres.

E os pacientes podem ser levados a acreditar que as doenças respondem somente a um tipo específico de tratamento feito por um praticante específico. Em outras palavras, o placebo pode ser uma porta aberta para o charlatanismo.

Para finalizar a esperança dada por muitos praticantes "alternativos" é uma esperança falsa. E verdade que o tratamento cuidadoso e humano de uma pessoa que está morrendo pode prolongar a sua vida e pode melhorar a qualidade do que restar de vida para o paciente.

Mas dar aos pais esperanças de que sua garotinha com um tumor no cérebro "poderia" responder ao tratamento com antineoplásicos, sobreviver e crescer para se tornar uma adolescente e adulta saudável, quando se sabe que a probabilidade disto acontecer é praticamente zero, parece cruel e desumano.

A atenção e o tratamento constante poderiam ajudar a criança a viver e sofrer por mais tempo, e os pais poderiam ficar eternamente gratos pelo tempo extra que tiveram com sua criança amada, mas no fim das contas estes tratamentos são como um abuso dos indefesos.

Por outro lado, se um adulto que está morrendo de alguma coisa como câncer pancreático, e não recebeu nenhuma esperança de recuperação por parte dos praticantes da medicina tradicional, quisesse tratar-se com antineoplastos em um procedimento clínico onde a esperança e o cuidado são mais abundantes que o sucesso ou o conhecimento, pareceria cruel e desumano negar-lhe isso.

Nós não temos nenhuma obrigação de oferecer tal tratamento, mas se ele estiver disponível e o paciente puder pagar por ele, será que é da nossa conta interferir? Podemos achar que este homem é tolo e está apenas desperdiçando seu dinheiro porque está desesperado.

Podemos achar que aqueles que fornecem tais tratamentos questionáveis são charlatões e estão cruelmente enchendo as pessoas com falsas esperanças. Podemos achar que não é nada além do efeito placebo que é responsável pelo apoio do paciente a continuar o tratamento.

Mas até que possa ser demonstrado sem sombra de dúvidas que o tratamento é fraudulento, potencialmente prejudicial ou completamente e absolutamente inútil, será que temos o direito de evitar que ele seja fornecido?

NOCEBO.

O efeito Nocebo é um fenômeno oposto ao placebo, em que a antecipação e a expectativa por um resultado negativo podem conduzir à agravação de um sintoma ou doença. Exemplos naturais de efeito Nocebo são observados no impacto de diagnósticos negativos e na desconfiança do paciente pela equipe médica ou por um tipo de tratamento, tendo seus mecanismos neurofisiológicos estudados de forma oposto ao efeito placebo.

Com o intuito de resgatar este e outros benefícios, propostas pela humanização da medicina têm surgido nos vários setores da saúde, restando ao pensamento científico aceitar que este incremento relacional subjetivo possa aumentar a efetividade dos tratamentos convencionais.

Funcionando como elemento de sensibilização, os recentes estudos experimentais sobre o fenômeno Placebo - Nocebo ilustram os possíveis benefícios ou malefícios que uma relação médico-paciente mais ou menos humanizada pode provocar na evolução das doenças.

Unindo as teorias do condicionamento operante inconsciente e da expectativa consciente, as pesquisas sugerem que a postura do médico, permeada por

manifestações positivas ou negativas, pode exercer influências semelhantes no psiquismo dos enfermos, desencadeando respostas neurofisiológicas favoráveis ou desfavoráveis, atuando como instrumento terapêutico ou iatrogênico.

Em 2004, Hrobjartsson e Gotzche publicaram uma revisão sistemática (156 ECC; 11.737 pacientes) comparando a resposta dos pacientes que receberam ou não intervenção placebo em dez condições clínicas (dor, obesidade, asma, hipertensão, insônia, náusea, depressão, ansiedade, fobia e tabagismo), concluindo que o efeito placebo foi significativo apenas no tratamento da dor e da fobia.

O IRMÃO GÊMEO DO MAL

Por incrível que pareça, expectativas negativas sobre um medicamento podem criar efeitos colaterais que não deveriam ocorrer. Isso quer dizer que você pode sentir algo ao tomar uma pílula de farinha, por exemplo.

Enquanto diversos estudos estão sendo realizados para encontrar maneiras de maximizar o efeito placebo, para que os médicos possam fazer uso dos benefícios terapêuticos dos remédios, cientistas também estão em busca de formas de minimizar ou maximizar os efeitos do Nocebo.

Minimizar ou maximizar, sob o aspecto psicológico e ótica do paciente: desde aparência do ambiente, apresentação dos profissionais e o relacionamento médico / paciente quando o paciente tem “sintonia” com os profissionais de saúde o efeito Nocebo é minimizado.

Quando alguns destes ou outros aspectos não preenchem as expectativas do paciente isso pode maximizar o efeito Nocebo. Um estudo recente, publicado na “Science” em outubro, mostrou que pacientes sentiram efeitos negativos de um medicamento ao descobrirem que ele era mais caro.

Ao testarem os medicamentos na pele, os pacientes disseram sentir uma ardência duas vezes mais forte com o creme “mais caro”. A explicação dos cientistas foi que os participantes acreditaram que a medicação mais cara continha um agente mais potente e efetivo e, conseqüentemente, produzia mais efeitos colaterais.

“Existem diversas pesquisas sobre o placebo e relativamente poucas sobre o Nocebo”, disse a autora do estudo Alexandra Tinnermann, uma neurocientista do Centro Médico Universitário de Hamburg-Eppendorf, na Alemanha. “Essas descobertas acrescentam informações ao fato de que nossas expectativas têm bastante influência na percepção de efeitos colaterais.”

“ATÉ A ÚLTIMA GOTTA DE SANGUE”

Um cientista de Phoenix – Arizona queria provar essa teoria e precisava de um voluntário que chegasse às últimas consequências. Conseguiu um em uma prisão, era um condenado à morte que seria executado na própria prisão de St Louis no estado de Missouri onde existe pena de morte executada em cadeira elétrica. Propôs a ele o seguinte: que o presidiário participasse de uma experiência científica na qual seria feito um pequeno corte em seu pulso, mas o suficiente para gotejar o seu sangue até a última gota do mesmo. Ele teria uma chance de sobreviver caso o sangue coagulasse e se isso acontecesse, ele seria liberado; caso contrário, ele iria falecer pela perda do sangue, porém teria uma morte sem sofrimento e sem dor.

O presidiário aceitou, pois era preferível para ele morrer desta forma do que morrer na cadeira elétrica. O presidiário foi então colocado em uma cama alta, dessas de hospital, tendo seu corpo imobilizado. Fizeram um pequeno corte em seu pulso e embaixo do pulso foi colocada uma pequena vasilha de alumínio.

Disseram a ele que ele ouviria o gotejar de seu sangue na vasilha. O corte foi superficial e não atingiu nenhuma artéria ou veia, sendo apenas o suficiente para que ele sentisse que seu pulso foi cortado. Sem que ele soubesse, debaixo da cama havia um frasco de soro com uma pequena válvula, ao cortarem o pulso abriram a válvula do frasco para que ele acreditasse que o som do gotejamento era o sangue dele que estava caindo na vasilha de alumínio quando na verdade era o soro do frasco.

De 10 em 10 minutos, o cientista, sem que o presidiário visse, fechava um pouco a válvula do frasco e o gotejamento diminuía. O condenado acreditava que era seu sangue que estava diminuindo e com o passar do tempo ele foi perdendo a cor e ficando cada vez mais pálido.

Quando o cientista fechou por completo a válvula o condenado teve uma parada cardíaca e faleceu sem ter perdido sequer uma gota de sangue.

O cientista conseguiu provar que a mente humana cumpre, ao pé da letra, tudo que lhe é enviado e aceito pelo seu hospedeiro, seja algo positivo ou negativo e que sua ação envolve todo o organismo tanto na parte orgânica ou psíquica.

Essa história é um alerta para filtramos o que enviamos para nossa mente, pois ela não distingue o real da fantasia ou o certo do errado, ela simplesmente grava e cumpre o que lhe é enviado.

“Quem pensa em fracassar, já fracassou mesmo antes de tentar”.

REFERÊNCIAS.

- ✓ Revista da Associação Médica Brasileira. *Print version* ISSN 0104-4230 *On-Line version* ISSN 1806-9282. Rev. Assoc. Med. Bras. vol.55 no.1 São Paulo 2009
- ✓ <https://www.significados.com.br/placebo/>
- ✓ Harrington, Anne, ed. The Placebo Effect (O Efeito Placebo: Uma Exploração Interdisciplinar (Harvard University Press. 1999)
- ✓ Hartwick Joseph J. (Efeitos Placebo na Saúde e na Doença.
- ✓ Índice de novas Informações com Autores, Assuntos e Referências) (Washington DC ABBE (Publications Association, 1996).
- ✓ Ogelsby, Dr Paul. The Caring Physician: (O Médico Atencioso: A Vida do Dr Francis W Peabody) (Harvard University Press, 1991
- ✓ Shapiro Arthur Ke Elaine O Poderoso Placebo: Do Antigo Sacerdote ao Moderno
- ✓ Médico Johns Hopkins University Press, 1997)
- ✓ Stanovich Keith E. Como Pensar corretamente Sobre a Psicologia), 3a. ed. (New York: Harper Collins 1992).
- ✓ Sternberg, Esther M. e Philip W. Gold. (A Interação Mente-Corpo na Doença Scientific American, edição especial "Mistérios da Mente" (Janeiro 1997).
- ✓ White, Leonard, Bernard Tursky and Gary Schwartz. Placebo: (Placebo: Pesquisa da Teoria e Mecanismos), ed. (New York: Guilford Press, 1985).